

# Fronteiras e margens em Horacio Quiroga: uma leitura de “Los desterrados”

*Gustavo Villela Lima da Costa<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo propõe uma leitura do conto "Los desterrados", do escritor uruguaio Horacio Quiroga, publicado em 1926. Na primeira parte do texto discutiremos a fronteira como um conceito que atravessa o conto e a própria obra do autor. Na segunda seção do artigo, interpretaremos a morte dos personagens João Pedro e Tirafogo como um símbolo de sua identidade fronteiriça. Por fim, analisaremos o papel das margens e fronteiras na construção dos Estados Nacionais, em uma perspectiva não hegemônica das relações de poder.

**Palavras-Chave:** Fronteira; margem; Literatura; Uruguai

## Borders and margins in Horacio Quiroga: a “Los desterrados” reading

**Abstract:** This paper proposes a reading of the story "Los desterrados" by the Uruguayan writer Horacio Quiroga, published in 1926. In the first part of the text we will discuss the border-frontier as concepts that run through the story and the author's own work. In the second section of the paper, we will interpret the death of the characters, João Pedro and Tirafogo as a symbol of their border identity. Finally, we will analyse the role of margins and borders-frontiers in the construction of National States in a non-hegemonic perspective of power relations.

**Keywords:** Borders; margins; Uruguayan Literature

Em “Los desterrados” (1926), Horacio Quiroga, escritor uruguaio nascido em 31 de dezembro de 1878, conta a história de dois personagens brasileiros, João Pedro e Tirafogo, que passaram boa parte de suas vidas na província de *Misiones*, na Argentina, em uma região de fronteira. Os dois trabalharam a vida toda como peões ou agricultores, para proprietários de terra e vivenciaram mudanças importantes nas relações de trabalho na região com a entrada cada vez maior do capital internacional e da privatização de terras para expansão do plantio da erva-mate, principalmente.

Na primeira parte do conto, Quiroga faz uma descrição dos tipos “pitorescos” da fronteira, apontando para o fato de que se trata de uma região singular, distinta de outras áreas do território nacional. Em seguida, apresenta os dois personagens principais do conto, João Pedro e Tirafogo, contando alguns eventos marcantes de suas vidas, com destaque para as relações de trabalho em situações de conflito entre patrões e empregados que, em geral, são resolvidas por meio da violência e de assassinatos, com perseguições, troca de tiros e facadas.

O negro João Pedro chega à região fugido, com a “patente” de general, dada por seu conhecimento da região, liderando outros “oito ou dez brasileiros” através da fronteira,

<sup>1</sup> Professor Adjunto de Antropologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro -UERJ e docente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, Campus de São Gonçalo.

provavelmente fugidos da escravidão. Aí já aparece o primeiro sinal de pertencimento àquela região por parte desse personagem que conhece a fronteira, em ambos os lados do rio Paraná. Quiroga já nos alerta no início do conto da porosidade da região de fronteira dizendo que “*En aquel tiempo – como ahora –, el Brasil desbordaba sobre Misiones, a cada revolución, bordas fugitivas cuyos machetes no siempre concluían de enjugarse en tierra extranjera*” (QUIROGA, 2009, p. 57). Esse transbordar de pessoas pela fronteira, através do Rio Paraná, aponta para uma vida e identidade fronteiriças singulares. Na passagem seguinte, João Pedro conta de uma briga e um suposto assassinato que teria cometido contra um agrimensor na região (aí implícito um embate entre aquele que conhece o terreno pela vivência e o cientista ou técnico; entre o “selvagem” e o “civilizado”). O relato, aponta Quiroga, é feito na “língua de fronteira” no “portunhol”, falado pelos personagens ao longo do conto: “*concluyó en esta forma y en esta lengua de frontera el relato del viaje: — Después tivemos um disgusto... E os dois, volvió um solo*” (QUIROGA, 2009, p. 57).

O outro personagem do conto, também brasileiro, como foram quase todos os primeiros povoadores de *Misiones* conforme Quiroga (2009), é Tirafogo, cujo nome seguramente se refere à cachaça que era capaz de consumir, pois bebia mais álcool do que “três jovens fortes”. Seu ofício principal era o de domador de mulas e roçador de mandioca e era famoso por seu “bom humor” e por estar feliz “de ter vivido tanto”. Ele afirma ainda nunca ter sido pego pela polícia em sua vida, o que nos evoca o sentido da malandragem como estratégia de navegação social desse indivíduo. Além disso, esse personagem se orgulha de ser um dos “primeiros moradores” da região: “sou antigo!”, costumava dizer com vaidade. Embora o personagem evoque seu sentido de pertencimento no que se refere a sua antiguidade na região, em pistas dadas por Quiroga ao longo do conto há uma visão, de certa forma predominante, da crítica de que os “desterrados” do conto não tenham lugar no mundo, de modo absoluto (FRENCH, 2002; RÍOS, 2011; BEZERRA, 2005).

*Entonces, los primeros “desterrados” humanos que aparecen en la colección son dos hombres negros brasileños que han huido de la esclavitud hacia la región misionera, exiliados hacia otra forma menos institucionalizada pero no menos severa de esclavitud, trabajando codo a codo con los indios mensús. Estos hombres marginados no pertenecen a ningún lugar en el mundo, mucho menos en el nuevo mundo modernizado donde son tenidos por salvajes, tienen que vivir una vida nómada y son vistos como animales perseguidos y eventualmente “cazados” por el hombre blanco* (RÍOS, 2011, p. 35).

O que pretendemos demonstrar é que há um outro lado desse desterro, que implica num pertencimento e vinculação identitária a esta região de fronteira por parte dos personagens, que se manifesta na própria luta pela vida nesse território. Essa identidade, justamente, escapa a qualquer visão essencialista ou a classificações binárias, calcadas na ubiquidade do Estado Nacional; são identidades em fluxo, em constante negociação. Na primeira parte do artigo discutiremos a fronteira como um conceito que atravessa o conto “Los desterrados” e a própria obra de Horacio Quiroga. A fronteira será entendida como um espaço em movimento e que possui certa autonomia, como veremos nos conceitos de “margem” e de “liminaridade”. A fronteira como “margem” tem uma dupla característica, tanto como área de subversão econômica, cultural, política e identitária, quanto como um local de exercício do poder estatal e como um laboratório de políticas e práticas de exceção e de autoritarismo. Além disso, as margens podem ser pensadas como espaços de inclusão (pertencimento) e de exclusão (desterro) ao mesmo tempo. Na segunda seção do artigo,

interpretaremos o fim trágico dos personagens, no qual a morte aparece como um símbolo de pertencimento à região, como emblema da identidade fronteiriça de João Pedro e Tirafogo e não apenas como fruto de um desterro. Essa identidade fronteiriça, liminar, coloca em xeque a soberania estatal e seus dispositivos de controle e poder, que tratam a fronteira como um limite fixo e monolítico. Por fim, analisaremos o papel dos indivíduos e grupos que vivem nas margens do Estado e seu papel nem sempre coadjuvante na construção dos Estados Nacionais, em uma perspectiva não hegemônica das relações de poder.

## **A fronteira como margem: controle, dominação e subversão**

Para French (2002) a obra de Quiroga se situa no momento de abertura de novas fronteiras do capital, concomitante à expansão imperialista da Inglaterra no XIX, em busca de mercados consumidores e produção de matéria-prima barata. Em grande medida, o cenário histórico e geográfico descrito por Quiroga é o do avanço da fronteira e da expropriação em massa, a partir da conquista violenta de novas terras e pessoas para o sistema capitalista. Para Ferreira (2009) esse momento histórico se caracteriza por um processo de transformação da fronteira como um espaço não-estruturado (de uma fronteira aberta) a um espaço estruturado/integrado ao Estado Nacional e ao sistema mundial (fronteira fechada), em meio ao desenvolvimento e à expansão do capitalismo na agricultura, com novas formas de organização do trabalho e produção, e distintas formas de territorialização e mudança cultural. Esse processo fica bem caracterizado por Quiroga logo no início do conto pelos tipos pitorescos e aventureiros da fronteira, que demonstram a fluidez dos limites e a relativa liberdade dos atores sociais. Em um segundo momento, no final do conto, observamos o “fechamento” da fronteira, representada na fuga dos “desterrados” em busca da terra natal, quando perdem o sentido de pertencimento à terra, a propriedade de seu rancho e a possibilidade de viver naquele território cada vez mais ordenado juridicamente e apropriado pelo colonialismo interno estatal. Para French (2002), esse seria um processo similar ao da conquista da América (no século XVI) e ao colonialismo imperialista na África (no século XIX), e, portanto, a denúncia dos abusos aos trabalhadores rurais insere a obra de Quiroga nos debates pós-coloniais, dialogando diretamente com o livro *Cultura e imperialismo* de Edward Said, no qual a terra aparece como fator fundamental do imperialismo-colonialismo, ou em suas palavras “a terra como base para a ação e interação dos personagens na selva colonial” (FRENCH, 2002, p. 82). Essa *governamentalidade* (FOUCAULT, 1979) imperialista impõe que a metrópole pense, ocupe, e controle terras que ainda não possui inteiramente, mas que ao mesmo tempo também “está distante e em controle dos outros, dos que são considerados como ‘desterrados’” (FRENCH, 2002, p. 82). Para essa autora, Quiroga seria um precursor da literatura pós-colonial, pois em sua representação da fronteira “como um lugar de contestação na inserção da América latina na economia capitalista internacional, narra fracassos e abusos da empresa capitalista na fronteira e as representações da resistência local à colonização. [...] O momento de um imperialismo que se desintegra e uma poscolonialidade emergente compartilham um espaço discursivo, usando as formas da ficção colonial de aventura para contestar o progresso da colonização” (FRENCH, 2002, p. 85).

A insubmissão às regras, às injustiças presentes nas relações de trabalho e a violência extrema como forma de resolução de conflitos aparece com destaque no terceiro assassinato cometido por João Pedro, dessa vez contra o fazendeiro que o contratara e que, além de não pagar seu salário, lhe dá tiros e o chama de “macaco”. A barbárie da situação em que se encontravam esses trabalhadores, sem nenhum tipo de amparo dos patrões, do Estado ou

mesmo da família, impõe a violência como saída para sobreviver e acaba criando uma espécie de código de conduta na fronteira. Tiraferro, por sua vez, parece recorrer à esperteza, pois Quiroga o descreve como constantemente bêbado, mas que sempre conseguiu se esquivar da polícia. Novamente, são pessoas, por sua conta e risco, desenvolvendo habilidades e estratégias de sobrevivência em meio à vulnerabilidade social. De acordo com Bezerra,

Não se trata somente do tema da morte inesperada, das situações-limite como o delírio, o sonho, a doença, mas também da constituição do espaço narrativo – a região fronteira de Misiones –, que parece saturar a obra do uruguaio-argentino do sinistro. Da mesma forma que são os personagens que atravessam essas situações, sejam os peões brasileiros ou paraguaios, europeus fugidos da Primeira Guerra Mundial, ou portenhos que desistiram da vida na cidade, e que interagem nos botecos ou *obrajes* missioneiros, são eles que constituem o núcleo da obra quiroguiana: desterrados em um mundo-limite, um mundo de agressividade e esquecimento, um não-lugar. Nos contos de Quiroga não parece haver lugar para o bom gosto, para a civilização ou para o Estado nacional (BEZERRA, 2005, 179).

A fronteira é, portanto, um espaço liminar, que também é utilizada como um recurso social para insubordinação de indivíduos e grupos em relação à legislação nacional e como um lugar onde existe relativa liberdade de ação; o que a torna uma região mais fluida e não totalmente estruturada do ponto de vista nacional, por um lado; e por outro, como um lugar onde se exerce de modo visível – nos postos de controle, alfândegas, polícias e assim por diante - o controle e repressão do Estado que pretende controlar e regular seu espaço de soberania. Otávio Velho (1979) entende a fronteira não apenas como a fronteira entre países e geográfica, mas a como zona de expansão, como “o *locus* onde o enfraquecimento da subordinação e a ascensão social melhor se combinam e, é por isso mesmo que o autoritarismo se preocupa tanto em controlar o movimento de fronteira” (VELHO, 1979, p. 102). De acordo com Machado, nas fronteiras está sempre presente o

desafio ao conceito de lei territorial representado pela situação de fluidez e imprevisibilidade nas faixas de fronteira, onde pouca lei e pouco respeito à lei desafiam os limites de cada estado. Esse processo de diluição dos limites nacionais se deve não só à multiplicação de redes trans-fronteira mas também à competição entre diferentes sistemas de normas, induzida pelos próprios estados e por outras grandes organizações, legais e ilegais. Frente a essa instabilidade, a circulação informal, organizada em torno de relações de parentesco, amizade, e mesmo etnicidade, é reforçada em detrimento da circulação regulada pela lei (MACHADO, 1998, p. 6).

O poder que emana desses personagens, exilados, “proscritos”, que mantêm a possibilidade de luta e subversão constante no conto, demonstra, como ensina Foucault (1979) que o poder não pode ser encarado como algo que se detém, como uma coisa, pois, de fato, o poder é uma relação, uma força que circula. Assim, os personagens da fronteira mostram ao leitor que o poder não é uma via de mão única, em que o Estado é o único agente produtor de identidades, definidor dos seus limites e de sua própria história, isto é, que as regiões de fronteira, narradas a partir da vida de seus habitantes, possuem um papel fundamental (e muitas vezes ignorado) na formação das nações e dos Estados. Para Grimson,

é preciso que o pesquisador vá às fronteiras nacionais com uma perspectiva aberta que permita “detectar e compreender não apenas a multiplicidade e mistura de identidades, mas também suas distinções e conflitos. Disputas culturais nos confins do poder” (GRIMSON, 2000, p. 1).

Depois de apresentar esses dados da vida dos dois brasileiros, Quiroga, em primeira pessoa aparece no conto, nos informando que conheceu um velhinho, magérrimo, que caminhava com dificuldade e cumprimentava os outros com um trêmulo “*Bon día, patrón*”. Era João Pedro, que vivia em um pequeno rancho. Tirafogo, também muito velho, já não plantava, nem colhia e nem tinha mais orgulho de ser “antiguo, em um país totalmente transformado”, em que havia menos liberdade de ação, em que o controle da terra passa ao grande capital, aos proprietários privados e ao Estado (cita o Código Rural). Nesse momento há a implantação de uma nova ordem jurídica por parte do governo central de Buenos Aires, na qual novas formas de dominação racionais e burocráticas (WEBER, 2000) – novas leis de terra, economia de mercado, burocracias trabalhistas, formas de controle policiais e alfandegárias, entre outras – vão passar a interagir com formas mais tradicionais e pessoais de dominação, em torno da patronagem, do clientelismo, do latifúndio e das grandes famílias de proprietários de terras. Ferreira (2009) entende que a fronteira pode ser analisada como um “laboratório de políticas de controle” e, ao mesmo tempo, como uma região de exceção, em que o colonialismo interno e o conflito presente em qualquer situação colonial não podem coexistir com uma “aplicação isonômica da lei, uma vez que esta última não era um instrumento de mediação de interesses, mas veículo de expressão da contradição de interesses e dispositivo do poder hegemônico” (FERREIRA, 2009, p. 397). Esse “fechamento da fronteira” em direção ao mercado, ao grande capital e ao Estado Nacional é efetivado por uma série de mecanismos jurídicos e políticos. O primeiro Código Rural Argentino data de 1856, entretanto, Quiroga faz referência ao “*Código Rural para los Territorios Nacionales de 1894*”, quando houve

*la adopción de un conjunto de instrumentos normativos, como los reglamentos provisorios de 1886 y 1890, el Código Rural de la provincia de Buenos Aires, el Código de Procedimientos de la Capital Federal, el Código Rural para los Territorios Nacionales de 1894 y el Código de Policía de los Territorios, que intentaron reprimir el creciente robo de ganado. En este camino se experimentaron propuestas y proyectos diversos de creación de cuerpos especiales de control para las zonas rurales como la Policía Fronteriza y la Gendarmería de Línea* (MORONI, 2013, p. 100).

Agora o país era “*distinto, nuevo, extraño e difícil. Y ellos, Tirafogo e João Pedro, estaban ya muy viejos para reconocerse en él*” (QUIROGA, 2009, p. 64). Além disso, inicia-se o “*movimiento obrero*” na região que emana de Buenos Aires. A paralisação, “Boycott”, é confundida pelos peões com uma pessoa, que chegaria na região, o que causa o aumento da violência no campo: “até um ‘sahib’ é morto. Quiroga usa o termo de propósito para localizar as Misiones no contexto do imperialismo britânico em uma hegemonia contestada pela violência dos trabalhadores e pela narrativa do autor” (FRENCH, 2002, p. 92).

Nesse momento de crise os dois velhos amigos brasileiros conversam entre si, dizendo que estão longe da terra natal, “*del dulce calor de la madre patria*” e que vão morrer em breve, longe da terra. Os dois evocam memórias de infância, dos pais, utilizando sutilmente o português, um pouco mais do que o “portunhol”. É nesse momento que os dois decidem voltar ao Brasil, “*patria olvidada durante ochencha años*”.

No encontro do autor com esses personagens, já velhos, há uma sugestão implícita de que aquelas poderiam ser histórias reais, ouvidas pelo próprio Quiroga, no tempo em que viveu na fronteira, o que o aproxima, em certo sentido, do trabalho do etnógrafo. O grande mérito de Quiroga foi o de descrever a fronteira a partir dela mesma e não sob a ótica dos centros de poder, das capitais, no caso de Buenos Aires. De certa forma, antecipa com a literatura a perspectiva etnográfica de Alejandro Grimson, antropólogo argentino, que afirma que devemos “ir às fronteiras” e pensar as fronteiras a partir das mesmas, levando em conta o ponto de vista dos próprios moradores locais. Como afirma French (2002, p. 80), “Quiroga vive a vida na fronteira à parte de Buenos Aires, uma literatura não hegemônica”. Outro autor que nos dá elementos de aproximação entre o ofício do escritor e do etnógrafo é Fioruci, que afirma que “Quiroga conhece bem esse território, mas, para além disso, é ele também um exilado em terra estrangeira, de forma que é possível inferir um certo discurso de identificação” (FIORUCI, 2015, p. 101). De acordo com Duarte,

*A Horacio Quiroga lo podemos clasificar como escritor fronterizo por diferentes circunstancias, como pueden ser el tema de la barbarie y civilización, por su doble nacionalidad o por la conjunción de países que se tienen cerca de Misiones. Lugar al cual se le puede de clasificar como un territorio netamente fronterizo porque en él se representa la frontera geográfica de Argentina con Paraguay, Uruguay y Brasil, amén de representar la frontera entre civilización y barbarie, entre selva y llano. Quiroga no se limita al tema de la muerte y la locura como muchos críticos han llegado a encasillarlo. [...] debido a que esta obra se genera en esta región multifronteriza, podemos considerar a Quiroga como un narrador o escritor de frontera. Entre los temas fronterizos a analizar en la obra podemos tocar el tema de la muerte violenta, el tema de la locura, el tema de la selva, la posición fronteriza entre modernismo y criollismo. Todos los temas formando un marco estético (DUARTE, 2005, p. 116).*

Assim, podemos considerar que a leitura da obra de Quiroga aponta para importantes *insights* a respeito do trabalho etnográfico realizado nas fronteiras no que diz respeito às perspectivas pós- coloniais e não hegemônicas de produção de conhecimento, que levam em conta o ponto de vista “nativo” na construção da realidade. A ideia de fronteira, na obra de Quiroga, é a de um espaço em constante movimento, isto é, como um espaço vivo e vivido. São múltiplas “fronteiras”, entre a vida e a morte, entre civilização e barbárie, entre a loucura e a razão, entre países, entre línguas; fronteiras que nunca estão acabadas, estão sempre se redesenhando, ou como afirma Augé, “a fronteira tem sempre uma dimensão temporal: é a forma do devir” (AUGÉ, 2010, p. 25).

Em Quiroga se configura um território selvagem de latitudes definidas, mas de limites imprecisos, cuja ancestralidade oferece-se, não sem riscos, àquele que a venha habitar. Mas a colonização a que se submetem essas terras não é a do *bandeirantismo civilizador* de Sarmiento, tampouco se estabelece “*una nación para el desierto argentino*”, como queria Alberdi. O deserto de Quiroga não foi colonizado por empreendedores, por ilustrados, por civilizados, mas por atormentados, marginais, desterrados, sonhadores, aventureiros e alcoólatras. O território de fronteira descrito por Quiroga é um território de pura potencialidade, de puro devir, onde nada se fixa, país entre países, selva, deserto, ecoar de fronteiras, onde sequer a vida pode manter- se sem custos, sem danos. É o Éden do Adão suicida, o selvagem (BEZERRA, 2005, p. 180).

Essa leitura nos permite ir além das visões das fronteiras baseadas apenas nas visões hegemônicas, calcadas no dogma da soberania dos Estados Nacionais, que operam necessariamente com a ideia de limite inerte e definitivo do Estado. Isto nos leva ao conceito de fronteira como zona “liminar”; representando espaços que ainda estão sendo estruturados; vivenciada como “zona de interesses mútuos” (LEACH, 1960).

O conceito de liminaridade em Antropologia tem início com as análises sobre os ritos de passagem desenvolvidas por Van Gennep e, posteriormente, nos processos rituais estudados por Victor Turner. Nesse sentido, a potência dos estados liminares e das “margens” é o que nos interessa reter no momento, para pensarmos os espaços fronteiriços. Van Gennep afirma que durante a passagem ritual entre dois territórios, existe um espaço, não necessariamente físico, que designa com o nome de *margem*, que pode ter, em muitas ocasiões, certa autonomia, um espaço de liberdade, de suspensão das estruturas sociais (VAN GENNEP, 1978). Durante este processo existem os ritos preliminares, de separação do mundo anterior, os ritos liminares, executados durante o estágio de margem, e os ritos pós-liminares, de agregação ao novo mundo. Este esquema de ritos de passagem pode ser útil para pensar a fronteira (e seus moradores) como uma região que vive, em alguns de seus aspectos, neste estado liminar, de ambiguidade entre dois ou mais contextos simbólicos, políticos, econômicos e assim por diante. A própria morte de Tirafogo e João Pedro pode ser lida como um rito de passagem incompleto ou mesmo impossível, pois ocorre num entre-lugar, num entre-mundo entre o passado e o presente, na margem entre uma terra natal que não existe mais, no Brasil, e a terra em que viveram, que está completamente transformada pelo avanço do capital.

A liminaridade da fronteira é apontada por Quiroga logo no início do conto, em que descreve os tipos “pitorescos” que seriam característicos de “toda região de fronteira”. A metáfora utilizada pelo autor para dar conta dessa imprevisibilidade da vida fronteiriça é a de que esses “tipos pitorescos” são semelhantes às bolas de bilhar, e que “nasceram com efeito [...] tomando os rumos mais inesperados” (QUIROGA, 2009, p. 55). Narra, em seguida, o caso de Juan Brown, que foi olhar as ruínas por algumas horas e ficou na região por 25 anos; o Doutor Else, a quem a destilação de laranjas o levou a confundir sua filha com uma ratazana; o químico Rivet que “se extinguiu como uma lâmpada, demasiadamente cheio de álcool carburado”. Em seguida, o autor afirma ter conhecido alguns desses tipos, como um bandoleiro que usava sua winchester sobre transeuntes, como o correntino Sidney Fitzpatrick, que apesar dessas atitudes “possuía uma cultura superior a de um egresso de Oxford”; ou um tal “cacique pedrito”, que nunca tinha falado castelhano, até encontrar um homem assobiando “la Traviata”, quando falou que assistiu à ópera no teatro em Montevidéu em 1859. Já estão aí alguns elementos da liminaridade, de uma vida em estado suspenso das ordens estabelecidas, onde tudo é possível. A fronteira aparece, nesse conto, como uma região que possui certa “autonomia” e um status diferenciado e que não se situa inteiramente em nenhum dos dois “mundos”, no caso, sob a completa jurisdição de dois ou mais países, entre razão e loucura, entre a selva e a “civilização”, manifesta em personagens de nomes e nacionalidades difusos, no limite do estado da razão, da violência e do alcoolismo: estrangeiros, migrantes, aventureiros.

Turner (1974), por sua vez, afirma que a primeira fase dos rituais (de separação) significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo de uma estrutura social ou de suas “condições culturais”. Na situação de liminaridade as características do sujeito ritual são ambíguas e somente na terceira fase de reagregação ou reincorporação consuma-se totalmente a passagem. Essa noção de liminaridade é ressaltada a todo momento na obra de Quiroga,

em que seus personagens vivem nesses entre-lugares, nessas margens, que possibilitam sua liberdade de ação, mesmo sob o jugo de padrões, da selva inclemente ou do controle estatal, no limiar da loucura e da razão, da vida e da morte. Trata-se da ideia de um espaço liminar que desafia a ordem estabelecida e que abre espaço para a construção de suas identidades, sempre fluidas, e que são as condições principais de vida na fronteira. “*La narración insiste también en los límites que se imponen al espacio, que lo construyen y lo constituyen: el alambrado, el cerco que separa el bananal del camino, las púas del alambre que detienen el paso del caballo malacara. Al intentar atravesar uno de esos límites, al cruzar la cerca, el hombre realiza el gesto que equivaldrá a la muerte, al desplazamiento, a la ruptura de un orden*” (OVARES; ROJAS, 1997, p. 239).

O conceito de fronteira como *locus* de análise social e das relações de poder no Brasil (VELHO, 1979; HOLANDA, 1975) têm grande importância quando alguns intelectuais recuperam, de modo criativo, os estudos do historiador Frederick Turner sobre o avanço da fronteira oeste nos Estados Unidos, adaptando-os à realidade brasileira. Essas leituras nos permitem discutir a obra de Horacio Quiroga a partir do conceito de fronteira como uma área marginal do estado nacional, ou seja, como área propícia à colonização interna realizada pelo próprio Estado. Frederick Turner, de acordo com Knauss (2004), procurou compreender a dinâmica de adaptação à “nova terra”, na marcha para o oeste dos pioneiros estadunidenses, defendendo que a singularidade americana era fruto da fronteira. A “terra livre” (que se torna um mito da colonização nas Américas) nos EUA teria tido a função de uma válvula de segurança para os conflitos sociais, permitindo que, na medida em que as cidades e vilas se saturassem, os indivíduos tivessem a oportunidade de partir para uma região não desbravada, e, basicamente por seus próprios esforços, constituíssem uma nova sociedade. Esse processo, para Turner, favoreceu a expansão do individualismo e de um “espírito” da democracia estadunidense a partir da fronteira, na qual prevaleceram “indivíduos igualitários, com iniciativa e amantes da liberdade”. Dessa maneira, a democracia, assim como o forte individualismo estadunidenses, teriam seu fundamento na dinâmica da fronteira e não apenas nos valores trazidos da Europa (TURNER, 2004). Os tipos fronteiriços, descritos por Quiroga no início do conto, assim como João Pedro e Tirafogo, são exemplos de aventureiros com diferentes características e ilustram essa percepção da fronteira como cenário para um estilo de vida, onde se constroem valores específicos e que transcendem aquele espaço, influenciando a própria construção nacional e o imaginário social e cultural na América do Sul.

Este processo de avanço das fronteiras do capital, de colonização interna dos territórios nacionais nas Américas está na base de conflitos sociais estruturais na história do continente. A expropriação de populações nativas como é o caso do Mapuches na *Araucania* e Patagônia Chilena e Argentina, na plantação de erva-mate na região de *Misiones*, na Argentina (cenário dos contos de Quiroga), assim como na “marcha para o oeste” nos Estados Unidos e no Brasil, se baseiam em discursos que ora invisibilizam a presença dessas populações, reforçando o mito das “terras livres”, ora as associam ao atraso, à barbárie, e ao estado de natureza que precisa ser domada. Nesse sentido, a fronteira ganha novos significados como a frente pioneira de avanço da civilização e do progresso. A fronteira aparece então como um lugar por excelência do conflito social e do contato direto com a alteridade, como afirma Martins (2009). O autor entende justamente que esses conflitos ocorrem, a partir do encontro e da degradação do outro: “O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social. E esse é, certamente, o aspecto mais negligenciado entre os pesquisadores que têm tentado conceituá-la. Na minha interpretação, nesse conflito, a fronteira é essencialmente o local da alteridade. É isso que faz dela uma realidade singular” (MARTINS, 2009, p. 133).

O avanço das fronteiras e da produção de um território nacional demanda também uma incessante produção de conhecimento por parte do Estado que precisa colonizar e estatizar suas fronteiras e seu território, seja pelos inquéritos, censos e principalmente a partir dos mapas. Isto é, a ideia de nação envolve a produção de um conhecimento que produz efeitos sociais, como a colonização das terras, a expropriação de antigos moradores e o avanço do latifúndio e do “agronegócio” (que é o termo atual de antigas práticas em torno de monoculturas exportadoras), por exemplo. A unidade nacional e a soberania, assim como a delimitação e avanço das fronteiras, dependem da eficácia de um aparato burocrático e da máxima de “conhecer para dominar”. É nesse contexto que se desenrola a trama dos “desterrados” de Quiroga. Os agentes estatais como o agrimensor, a polícia, o “Código Rural” e assim por diante são símbolos da afirmação estatal e do controle de populações e terras “indomadas” e “selvagens”.

### **Morte e identidade na fronteira: lá ou aqui?**

Se há algo que distingue a vida nas regiões de fronteira de outras regiões dos estados nacionais é que ali há uma dinâmica própria, que em muitos sentidos desafia tanto a ordem nacional e seus mecanismos de controle e vigilância, quanto a ideologia cultural em torno do estado-nação, o que a permite transcender o dogma da soberania. Personagens como Tirafofo e João Pedro são “cruzadores” de fronteiras e, para esses atores sociais e personagens, a linha de fronteira é um recurso seja para escapar da escravidão, seja para conseguir emprego, ou mesmo para lutar contra a dominação e a violência das relações de trabalho, como mostra o conto “Los desterrados”. Para realizar uma leitura fronteiriça da obra de Horacio Quiroga, então, é preciso escapar à armadilha de associar o fenômeno da identidade a “cultura”, “etnia”, “território” ou “nação”, que acaba por criar ficções acadêmicas e ideológicas, que estão muito distantes de seus personagens, que negociam suas identidades e transitam entre mundos, entre as fronteiras.

Nos contos de Quiroga ocorrem diversos encontros com o “outro” a partir dos quais os personagens encontram e produzem as condições para a manipulação, instrumentalização e negociação das identidades sempre vividas e sentidas profundamente. Para explicar o processo de reconfiguração das identidades em áreas de fronteira, é preciso entender que toda construção da identidade pressupõe tanto uma origem (uma matriz simbólica ou cultural que dá sentido e ordena a vida social), quanto uma trajetória (um processo de construção e instrumentalização das identidades, a partir da interação social que produz a diferença) (OLIVEIRA FILHO, 1998). O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (CARDOSO DE OLIVEIRA; BAINES, 2005), por exemplo, entende que as áreas de fronteira representam contextos privilegiados para a descrição e análise da produção social da diferença nacional, em uma situação sociocultural extremamente complexa. Este autor cita como exemplo de multifacetação da identidade nacional o caso dos índios Ticuna, na tríplice fronteira Brasil - Peru - Colômbia, na qual esses grupos podem ser simultaneamente Ticuna e Peruano ou Colombiano, para os brasileiros, ou Ticuna e brasileiro ou peruano para os colombianos e assim por diante. Bezerra (2005) observa essa fluidez dos limites e a possibilidade criadora da vida fronteiriça trabalhada por Quiroga, quando afirma: “Nas fronteiras missioneiras, no leito caudaloso do Rio Paraná, na porosidade da fronteira, a todo tempo cruzada por oriundos da outra banda (ou de outras bandas), nas línguas que se entrecruzam – criando entrelínguas – na ausência de uma etnia dominante, na iminência da morte, nos delírios do

álcool ou da maleita, configura-se um território à margem, cujas margens moventes narram-se em seus contos” (BEZERRA, 2005, p. 180).

A partir daí se abre um interessante campo de pesquisas sobre os processos de construção e reconfiguração das identidades em áreas de fronteira, a partir do diálogo com a literatura de Horacio Quiroga. A “fronteira”, na obra de Quiroga, pode ser interpretada como um campo de disputas em torno de recursos econômicos e sociais, ao mesmo tempo em que é cenário criativo para a construção de identidades, como formadora de culturas e estilos de vida. Quiroga nos dá alguns exemplos dessas disputas e tensões quando conta que João Pedro, então encarregado de cuidar do gado e de matar “tigres” (onças pardas ou pintadas), ao ser repreendido com palavras duras pelo capataz, mata seu patrão “estrangeiro” a facadas, narrando na *“lengua de frontera”* o ocorrido, que foi o segundo assassinato cometido pelo personagem: “*— También esta vez fue breve la confianza de nuestro hombre: - Olvidóse que eu era home como ele...E canchel e francéis?*” (QUIROGA, 2009, p. 58).

Ao mesmo tempo em que a fronteira é terra de desterrados, é também o lugar de criação de novos pertencimentos, ao mesmo tempo que desterritorializa, enseja novas territorializações por parte dos atores sociais que a habitam. Um dos principais sinais diacríticos dessas novas identidades é o uso de uma língua fronteiriça, o “portunhol”. Essa construção relacional de identidades aparece quando João Pedro, após matar seu patrão estrangeiro, o chama de francês. Quiroga novamente nos dá pistas dessa identidade fronteiriça quando mostra que João Pedro tratava os europeus como os “verdadeiros” estrangeiros, como pessoas não-nativas, ao contrário dele mesmo: “*El propietario era italiano; pero lo mismo daba, pues la nacionalidad atribuida por João Pedro era entonces genérica para todos los extranjeros*” (QUIROGA, 2009, p. 58).

As fronteiras são, portanto, representadas de diferentes modos pelos personagens da obra de Quiroga (sejam peões de fazenda oriundos do Brasil, aventureiros estrangeiros, funcionários estatais ou animais míticos). Para Vidal (2008), as fronteiras devem ser entendidas em três dimensões: em seu sentido espacial, em sua acepção jurídica e também como limite que traça os contornos de um grupo. Os estudos nas fronteiras entre países, cujos limites nacionais estão claramente demarcados, revelam, no fundo, a configuração de fronteiras sociais menos óbvias e visíveis que aí se configuram, seja a partir de vinculações étnicas, nacionais e de classe social, seja a partir de classificações jurídicas, que determinam direitos e deveres dos atores sociais, seja pela vinculação a um território. Em torno dessas fronteiras sociais é que são forjadas as identidades, em processos dinâmicos de luta política pelas classificações por parte dos indivíduos e coletividades. As áreas de fronteira são regiões propícias à negociação (não apenas materiais, mas também imateriais), seja pela existência de câmbios distintos, pela oferta de mão de obra, por incentivos fiscais, acordos bilaterais e processos migratórios, seja pela dinâmica das construções identitárias, ou pela interação social e trocas simbólicas. A fronteira, portanto, representa para seus moradores tanto um recurso material, quanto social (VALCUENDE DEL RÍO; CARDÍA, 2009).

Personagens como Tirafogo e João Pedro colocam em xeque a vinculação identitária nacional obrigatória e a leitura dos “desterrados” pode indicar a preocupação com a negociação da identidade onde todos esperam que a identidade seja um problema (DONNAN; WILSON, 1994). Mas os personagens vivem suas identidades nacionais como problemáticas? Em que sentido? Em primeiro lugar, como percebemos no conto, há uma saudade do Brasil, que se manifesta na velhice dos personagens, que em um momento de mudanças sociais na região evocam uma volta ao passado e a uma identidade nacional que se mistura à saudade da família e da figura da mãe, numa clara associação entre o cuidado maternal e a volta à pátria-mãe. Há também o preconceito racial e xenofobia, quando um patrão chama João Pedro de “negro”

e “macaco”, marcando o lugar do “outro” e de distinção social e de classe. Há, também, o sentimento de pertencimento à terra: “Sou antigo”, dizia Tirafogo. Se no final do conto há uma clara marcação identitária, do desterro em terra estrangeira que se manifesta na fuga para o Brasil, ao longo do conto Quiroga apresenta os personagens como se estivessem “em casa”, pertencentes ao lugar, independentemente da vinculação nacional. É no momento de crise que as identidades nacionais são acionadas, na busca por morrer no Brasil. Assim, percebemos na leitura do conto que a fronteira acaba criando necessariamente um “outro”, um sentimento de alteridade; mas também acaba reforçando a identidade do “eu” e do “nós”, em relação ao que é “diferente”. A partir daí, entendemos que os grupos e suas identificações não podem ser compreendidos em si mesmos, mas somente na relação com os “outros”, estudando os “limites podemos saber aquilo que um grupo ou uma identificação incluem ou excluem, assim como os dispositivos através dos quais constroem essas diferenças, articulando-as, na maior parte dos casos com formas de desigualdade” (GRIMSON, 2001, p. 89), o que implica que esses estudos revelam muito sobre a construção das relações de poder, tanto a partir da relação entre moradores e o Estado, quanto entre as classes sociais e os vários grupos de status, étnicos e culturais, que convivem na fronteira. Esse controle, como observamos no conto, não se dá tanto pelos aparatos administrativos nacionais, ainda incipientes à época, mas principalmente pelo jugo dos patrões e fazendeiros, contra os quais se levantam os personagens. Para French, o conto “Los desterrados” que conta a história de dois trabalhadores “alienados da terra pela chegada da agricultura de larga escala, representa a despossessão e alienação de pessoas que permanecem como parte inextrincável do ambiente – o controle da natureza implica no controle de outras pessoas” (FRENCH, 2002, p. 86). Além disso, a autora relembra que o título original do conto seria “Os proscritos”, ou seja, os banidos: dois brasileiros que morrem na fronteira “sem chegar” à terra natal. Para a autora “esses dois homens estão alienados das novas condições de trabalho na erva mate – ‘muito velhos para se reconhecerem nessa nova terra’ – nostálgicos do passado, quando ‘não havia limites para os roçados, que era de todos para todos em sistema cooperativo’” (FRENCH, 2002, p. 91).

Para Fioruci (2015), a viagem final dos personagens, os “*viejos proscritos*”, de retorno ao Brasil, sua terra natal, representa um encontro com a morte, a última fronteira, onipresente na obra de Quiroga. O encontro com a pátria natal, sonho dos exilados ou “ilusão do retorno”, nas palavras de Sayad (1998), trazem evocações do passado distante na hora da morte e a sensação de que a morte se daria no colo materno, da pátria materna. Para Fioruci, recorrendo a um trecho do conto:

A libertação ou o encontro com uma terra generosa só pode ocorrer no além mundo, nesse espaço mítico onde os personagens voltam metaforicamente à infância, abrigo de suas memórias mais felizes:

*Al final abrió los ojos, y sus facciones se agrandaron de pronto en una expresión de infantil alborozo:*

*- ¡Já cheguei, mamãe!... O João Pedro tinha razão, ¡Vou com ele!...*

(FIORUCI, 2015, p. 101).

Uma série de autores, como vemos aqui, defendem a ideia de que João Pedro e Tirafogo não chegam à terra prometida, sua terra natal, o Brasil. Além disso a fronteira aparece apenas em sua dimensão hostil de exílio e quase nunca como possibilidade de construção de novas identidades. A morte dos dois personagens é, de acordo com Fioruci

(2015, p. 106), a única redenção, “pois até que ela os alcance, resta-lhes a sujeição às amarras sociais que lhes suga a vida”. Ríos, por exemplo aponta que

*“Los proscriptos”, es la imposibilidad del regreso a los orígenes. Lo irónico de “Los proscriptos” es que los protagonistas habrían partido primero de Brasil buyendo de la esclavitud, pero después de vivir en el infierno modernizador de la frontera, han acabado por añorar una vuelta a los orígenes, a su pasado. Aunque el tema de la imposibilidad de la vuelta a los orígenes aparece también en otros cuentos de la colección, lo que se desarrolla en estos dos primeros cuentos es la lucha de los personajes más marginados de este espacio, que han ido a vivir a la región fronteriza no por su propio fervor pionero en busca de una fortuna, sino por su necesidad de tratar de sobrevivir en un nuevo mundo sumamente hostil hacia ellos (RÍOS, 1998, p. 34).*

A morte de João Pedro no limiar da fronteira pode, entretanto ter uma interpretação diferente ou complementar. Além do exílio e do desterro e da fuga do não-lugar, a fronteira não pode representar um lugar de pertencimento apesar da tragédia final do conto? Eles não passaram a vida toda ali, inclusive tendo um pequeno rancho, como narra Quiroga sobre Tirafofo? Além disso, a divisa entre os países se torna difusa no final do conto, no momento da morte dos personagens. Os dois estavam onde no momento fatídico? Ali era Argentina, ainda, ou já estavam no Brasil? A morte como um descanso e a figura materna evocada no final não seriam símbolos de paz e de pertencimento à fronteira, ao contrário de mortes violentas presentes na maioria dos contos de Quiroga? De fato, em nossa leitura aqui, não importa em que lado da fronteira estavam os personagens ou se já tinham chegado ao Brasil. Não há mais um aqui e um lá. Ao mesmo tempo em que sonham em voltar “para casa”, morrem “em casa”, em terreno conhecido, e esse pode ser um dos sentidos da fala de João Pedro quando diz “eu cheguei já”, embora Tirafofo insista que a terra está “lá”.

*— Seu João! - murmuró, sosteniéndose apenas sobre los puños -. É a terra o que você pode ver lá! Temos chegado seu João Pedro!*

*Al oír esto, João Pedro abrió los ojos, fijándolos inmóviles en el vacío, por largo rato.*

*— Eu cheguei ya meu compatricio... - dijo.*

*Tirafofo no apartaba la vista del rogado.*

*— Eu vi la terra... É lá – murmuraba.*

*— Eu cheguei - respondió todavía el moribundo -. Você viu aterra ... E eu está lá.*

*— O que é... seu João Pedro - dijo Tirafofo -. O que é, é que você está de morrer... Você não chegou!*

*João Pedro no respondió esta vez. Ya habia llegado.*

*Durante largo tiempo Tirafofo quedó tendido de cara contra el suelo mojado, removiendo de tarde en tarde los labios. Al fin abrió los ojos, y sus facciones se agrandaron de pronto en una expresión de infantil alborozo:*

*— Ya cheguei, mame! ... O João Pedro tinha razão... Vou com ele! (QUIROGA, 2009, p. 68-69).*

A interpretação que fazemos neste artigo, propondo que ao longo do tempo se construiu uma identidade fronteiriça e um pertencimento à região pelos dois personagens, obviamente, não pretende esvaziar o sentido da crítica de Quiroga à exploração da mão de obra barata desses “proscritos”, nem a ideia de que os personagens estariam sem lugar no mundo, nesse “admirável mundo novo” das relações de exploração do capitalismo incipiente na região, de alteração das estruturas sociais a que estavam acostumados. O próprio Ríos nos dá uma dica, ao indicar que Tirafofo e João Pedro seriam os personagens mais nativos do

livros, ao contrário dos que “vieram de fora” para fazer a vida na fronteira: “Lo irónico es que estos personajes son, después de Anaconda, los personajes más propiamente ‘nativos’ de la región y, por ende, son exiliados (o proscriptos, como indica el título original del relato) en la propia tierra que habitan”(RÍOS, 1998, p. 35).

Esse mesmo autor entende que o exílio se torna a própria identidade dos dois personagens, que são “desterrados” no mundo e não apenas ali:

*En “Los desterrados” el concepto del exilio geográfico, que ya había sido introducido en “El regreso de Anaconda”, se transforma en las vivencias de João Pedro y Tirafofo. En vez de significar el mero estado de estar geográficamente lejos de un lugar al cual no se puede regresar, el exilio aquí se ha convertido en una identidad misma para los protagonistas. No son libres en ningún lugar. Su destino es ser explotados, perseguidos y marginados; monstruos, extranjeros de la modernización dondequiera que vayan. Ya viejos es en el umbral de la muerte donde encuentran la paz (similar a la que experimenta Anaconda antes de morir) mientras van físicamente hacia Brasil e imaginariamente hacia las memorias de su pasado, tal vez hacia la infancia, el único lugar donde su utopía existe (RÍOS, 1998, p. 36).*

Fioruci (2015) também trilha uma interpretação parecida com a que buscamos apresentar aqui quando entende que o “portunhol” falado por Tirafofo e João Pedro é um traço de pertencimento à fronteira, um entre-lugar de pertencimento de identidades liminares:

Mas tal deslocamento subjetivo é suscitado justamente pelo percurso das trilhas da fronteira entre Argentina e Brasil, Misiones e Paraná. Os desterrados vão pelo trajeto inverso do caminho do desterro, em busca do seu lugar natal, não da sua terra prometida, mas da sua terra recordada. A travessia, sugestivamente, termina no alto de um monte da serra de Misiones, onde podem ver as araucárias brasileiras. Precisamente aí, tendo as duas terras ao alcance da vista, é que João Pedro e Tirafofo, já não sabemos de que lado do seu porto de passagem, encontram o atalho ao caminho de casa pela via do delírio, que compensa no desejo da volta a fraqueza das pernas. “¡Ya cheguei, mamee... O João Pedro tinha razón... ¡Vou com ele!” Tirafofo e João Pedro morrem na passagem, num entre-lugar tanto físico quanto lingüístico (FIORUCI, 2015, p. 98).

Na cena final e trágica há apenas a fronteira, território liminar que define a identidade dos personagens, região de margem, que se pereniza deixando de ser um estado transitório, como um rito de passagem que não se pode cumprir: a margem como imanência. Essa identidade fronteiriça é perigosa por estar nessa margem (DOUGLAS, 2012) e é assim incontrollável, em grande medida, pelos Estados Nacionais em seus censos, inapreensível pelo senso comum: e esse é um dos méritos de Quiroga, nos apresentar esse universo liminar. Essa situação de liminaridade coloca a fronteira, cujo status possui algo de “indefinível” e ambíguo, como um local “vulnerável e perigoso” simbolicamente, por romper com a estabilidade ideal dos sistemas culturais (DOUGLAS, 2012). Nesse ponto podemos retomar um diálogo entre as narrativas do escritor e do antropólogo, para interpretarmos um sentido possível da leitura da parte final do conto. Como outro lado da moeda do desterro dos personagens, podemos pensar que os dois eram moradores da fronteira, com identidades híbridas, em constante fluxo, em um desterro que é marca de uma identidade comum.

A fronteira, portanto, não é apenas um lugar de desterro, exílio e desterritorialização como demonstram os trabalhos de duas antropólogas, uma na América do Sul e outra na

África, e que utilizaremos para ilustrar nosso debate. De acordo com Hartmann, a fronteira gaúcha, entre Brasil, Argentina e Uruguai, produz uma “cultura de fronteira”, observada a partir de narrativas orais que transgridem e transcendem os limites políticos dos Estados e que, em sua circulação, revelam identidades, tradições e sentimentos, formando vinculações de grupo e novas identidades em torno de um conjunto de valores e práticas compartilhados (HARTMANN, 2005). Assim, a “fronteira” pode gerar um sentimento de pertencimento e coesão, em torno de uma identidade que transcende e muitas vezes se opõe a uma identidade essencialmente nacional, e não pode ser vista apenas como lugar do degredo, do vazio, do não-lugar. Os contos e narrativas recolhidos pela autora demonstram como a memória, a língua, a culinária, o conhecimento do “terreno” são sinais objetivados de identidades, como as que Quiroga narra no conto por meio das trajetórias sociais de Tirafofo e João Pedro, “nativos” e “antiguos” naquela região.

Outro exemplo pode ser observado com Flynn, que realizou sua pesquisa na fronteira entre a Nigéria e o Benin, na África ocidental, em que afirma que os moradores daquela fronteira forjaram um forte sentido de “identidade fronteiriça”. Os moradores fronteiriços adquirem “uma profunda e estável identidade”, por meio da qual definem a si mesmos e as suas relações com os “outros”, resumida na expressão: “Nós somos a Fronteira” (FLYNN, 1997, p. 312-313). “Esta identidade emerge, primeiramente, em contextos de comércio trans-fronteiriço e se baseia tanto em questões residenciais da região, quanto nos direitos percebidos pelos moradores fronteiriços em relação a este comércio na fronteira” (FLYNN, 1997, p. 311).

Para a população fronteiriça, estudada por Flynn, o rio Okpara é menos um limite que divide duas nações, do que uma ponte que os une em mútua interdependência. Aqui podemos vislumbrar um cenário muito semelhante ao do Rio Paraná, na bacia platina, que se torna um personagem onipresente nas aventuras descritas por Quiroga, em diversos contos, nos quais seus personagens “são” a fronteira, viva e em movimento.

Esses casos demonstram que a fronteira, que aparentemente parece ser um local de desterritorialização, pode gerar por parte de certos atores sociais um sentimento de pertencimento (de territorialização), ainda mais porque grande parte da vida econômica nas regiões fronteiriças e da atração de migrantes se deve justamente ao fato de que esses lugares se localizam nos limites entre países, o que atrai mão de obra e favorece práticas comerciais e de subsistência (lícitas ou ilícitas) em função dos diferenciais fronteiriços (diferentes moedas, legislações etc.). Em resumo, podemos afirmar que a identidade, incorporada por aqueles indivíduos africanos que se classificam como “nós somos a fronteira” é instrumentalizada, na busca de seus interesses imediatos no comércio fronteiriço, o que não significa que abandonem suas identidades nacionais, étnicas ou linguísticas. Essa “identidade fronteiriça”, percebida pela autora na fronteira africana, aponta para a configuração específica da construção das identidades nessas regiões onde há sempre a possibilidade da fronteira ser instrumentalizada e apropriada pelos atores sociais para além de suas identidades nacionais ou étnicas.

## **Considerações finais**

A leitura da obra de Quiroga nos ajuda a romper com os binarismos entre centro e periferia, entre o moderno e o arcaico, entre o “selvagem” e o “civilizado”, entre a “colônia” e a “metrópole”; essas fronteiras são porosas, difusas e interdependentes e, mais

ainda, são constituídas umas pelas outras. Além disso, a leitura de seus contos nos faz repensar a hegemonia da definição ocidental de Estado apresentada por Weber (o Estado como detentor do monopólio da violência física legítima) como garantia da ordem no território (DAS; POOLE, 2008). O Estado, mesmo a partir de sua gênese, como é o caso do período em que vive e escreve Horacio Quiroga, pode ser estudado, então, como um projeto inacabado, como um conjunto de práticas e discursos sempre incompletos, que devem ser sempre reafirmados. Um dos modos pelo qual os Estados e o poder central o fazem é a partir da premissa de que em certos lugares há o perigo da desordem, da não-civilização, do caos, da anomia ou violência, como são as fronteiras dos Estados nacionais ou as periferias e favelas das grandes cidades atuais, por exemplo. Justamente pelo fato de o Estado afirmar que há pouco controle nas regiões de fronteira é que esses lugares se tornam “laboratórios” do exercício do controle e da violência e mesmo dos “estados de exceção” que se tornam regra (AGAMBEN, 2002). Essas práticas e discursos incidem diretamente sobre a vida das pessoas, que precisam ser “administradas” e “pacificadas” ou “integradas” a projetos nacionais de “desenvolvimento”.

A interpretação da vida de personagens como João Pedro e Tirafogo, a partir do exercício de seus “micropoderes”, contribui para o entendimento da construção dos Estados e das nações reconfigurados constantemente a partir das margens. Essas margens nunca são inertes e monolíticas, mas espaços vivos de sociabilidades, conflitos, solidariedades, tragédias e dramas humanos como nos mostra Horacio Quiroga. O desterro, que dá nome ao título do conto, e a tragédia, que se desenrolam na vida dos personagens nos fazem pensar que a aparente desordem dessas margens em que vivem estão imbricadas com práticas de colonização postas em prática pelos Estados ou pelos poderes centrais, ao longo da história. As relações de trabalho, a violência, e mesmo a identidade fluida dos personagens – a construção mesma desses sujeitos sociais – são produto e efeito de ações do Estado, que põe em prática estratégias de controle das populações e territórios em suas margens, redefinindo as técnicas e dispositivos de poder do governo, ao mesmo tempo que contribuem para produzi-lo. As ações e estratégias de sobrevivência dos personagens acontecem, portanto, em uma relação dialética e de mão dupla com as práticas estatais e do grande capital na fronteira.

Assim, as vidas de pessoas como Tirafogo e João Pedro descritas no conto são exemplos de como alguns atores sociais, por meio de suas ações, fazem parte intrinsecamente do processo de construção do Estado-nação, mesmo que tenham esse papel negado em narrativas oficiais. Isto porque os moradores das regiões dessas fronteiras não são apenas sujeitos inertes à mercê de forças hegemônicas, mas também são agentes de suas próprias histórias e da História, revelando a potência das margens. Há, portanto, outras formas de exercício do poder, para além do Estado, mas que se articulam entre si e com ele, e que são indispensáveis para seu próprio funcionamento e construção histórica de seus territórios. As fronteiras, então, aparecem menos como um lugar onde o Estado não conseguiu impor sua ordem e mais como um local em que o Estado “se faz Estado”, em constante demanda para aplicar técnicas de ordenamento, de controle e vigilância, para garantir a expansão de suas fronteiras e do capital. O interessante é que o sentido desse processo de construção dos Estados nacionais e da delimitação de suas fronteiras geográficas se deu muitas vezes das margens em direção ao centro e não ao contrário. É diante desses dispositivos de poder, nesse período histórico específico de construção e afirmação dos Estados Nacionais na América do Sul, que a tragédia das vidas de Tirafogo e João Pedro se consuma e diante dos quais sua insubmissão e potência indomável se colocam diante da vida, que persevera até o fim.

## Referências

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AUGÉ, M. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: UNESP, UFAL, 2010

BEZERRA, W. A. As nacionalidades latino-americanas: a Argentina vista pela luz dos olhos de Mário de Andrade e pelas sombras de Horacio Quiroga. **Revista USP**, São Paulo, n. 64, p. 174-189, dez./fev. 2004-2005a.

\_\_\_\_\_. O portunhol dos desterrados de Horacio Quiroga: política e subjetividade na representação literária de uma língua de fronteira. **Estudos Lingüísticos**, v. 34, p. 1015-1020, 2005b.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto.; BAINES, S. (Orgs.). **Nacionalidade Etnicidade em Fronteiras**. Brasília, Editora UNB, 2005.

DAS, V.; POOLE, D. El Estado y sus Márgenes. Etnografías Comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 27, p. 19-52, 2008.

DONNAN, H.; WILSON, T. M. **Border approaches: anthropological perspectives on frontiers**. Lanham : University Press of America, 1994.

\_\_\_\_\_. **Borders: Frontiers of Identity, Nation and State**. Berg: Okford and New York, 1999.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

DUARTE, J. Horacio Quiroga como escritor de fronteira. **Hipertexto**, v. 1. p. 116-120, 2005.

FERREIRA, A. C. Políticas para Fronteira, História e Identidade: A luta simbólica nos processos de demarcação de terras indígenas Terena. **Mana**, v. 15, n. 2, p. 377-410, 2009.

FIORUCCI, W. As palavras e o mundo na prosa de Quiroga. **Revista Língua & Literatura**, v. 17, n. 28, p. 98-108, ago. 2015.

FLYNN, D. K. “We are the Border”: identity, exchange, and the state along the Benin-Nigeria border. **American Ethnologist**, v. 24, n. 2, p. 311-330, 1997.

FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRENCH, J. L. A Geographical Inquiry into Historical Experience: The Misiones Stories of Horacio Quiroga. **Latin American Literary Review**, v. 30, n. 59, p. 79-99, jan./jun. 2002.

GRIMSON, A. Pensar Fronteras desde las Fronteras. **Nueva Sociedad**, Honduras, n. 170, nov./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. Fronteras, Estados e Identificaciones en El Cono Sur. In: MATO, D. (Comp.). **Cultura y Transformaciones Sociales em Tiempos de Globalización**. v. 2. Buenos

Aires: Clacso, 2001.

HARTMANN, L. Performance e Experiência nas Narrativas Oraís da Fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 125-153, 2005.

HOLANDA, S. B. de. **Caminhos e Fronteiras**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

KNAUSS, P. [Texto introdutório]. In: TURNER, F. J. **Oeste Americano: Quatro Ensaios de história dos Estados Unidos da América**. Edição organizada por Paulo Knauss. Niterói: Eduff, 2004.

LEACH, E. The Frontier of Burma. **Comparative Studies in Society and History**, The Hague, Holanda: Mouton & Co, v. 3, n. 1,, 1960.

MACHADO, L. O. Limites, Fronteiras e Redes. STROHAECKER, T. M. et al (Orgs.). **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: AGB, 1998.

MARTINS, J. de S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

MORONI, M. Abigeato, control estatal y relaciones de poder en el Territorio Nacional de La Pampa en las primeras décadas del siglo XX. **Hist. Crit.**, Bogotá, n 51, p. 97-119, set./ nov. 2013.

OLIVEIRA FILHO, J. P. de. Uma etnologia dos ‘índios misturados’? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998.

OVARES, F.; ROJAS M. G. Los confines de la existencia: el espacio en dos cuentos de Horacio Quiroga. In: CONGRESO DE FILOLOGÍA, LINGÜÍSTICA Y LITERATURA, 7., 1997, Costa Rica. **Actas...** Costa Rica: Universidad de Costa Rica, 1997. p. 239-242.

QUIROGA, H. **Los Desterrados y Otros Cuentos de Fronteira**. Buenos Aires: Losada, 2009.

RÍOS, M. **Exilio, invención, autodestrucción: la unidad de lugar de los desterrados de Horacio Quiroga**. 2011. xx f. Tese (Mestrado em Artes) – University of Georgia, Georgia, 2011.

SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

TURNER, V. W. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, F. J. **Oeste Americano: Quatro Ensaios de história dos Estados Unidos da América**. Edição organizada por Paulo Knauss. Niterói: Eduff, 2004.

VALCUENDE DEL RÍO, J. M.; CARDÍA, L. M. Etnografia das fronteiras políticas e

sociais na Amazônia Ocidental: Brasil, Peru e Bolívia. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 13, n. 292, 2009.

VAN GENNEP, A. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, O. G. **Capitalismo autoritário e campesinato (um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento)**. São Paulo: Difel, 1979.

VIDAL, D. Vivre sur fond de frontières: les migrants du Mozambique à Johannesburg. **Cultures & Conflits: Frontières et Logiques de Passage**, n. 72, 2008.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. v. 1. Brasília: UNB, 2000.